

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

MATÉRIA EFÊMERA

BIOJOIAS ENTRE CORPO, TERRITÓRIO E TEMPO

Palavras-chave: biojoias, sustentabilidade, território.

Autora: Juliana Ramos de Oliveira; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Graduanda em Design Industrial; Rio de Janeiro, RJ e Brasil; ramosjuufrj@gmail.com

Orientadora: Jeanine Torres Geammal; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Departamento de Design Industrial; Rio de Janeiro, RJ e Brasil; jeaninegeammal@eba.ufrj.br

1. Introdução

Neste trabalho, apresento pesquisas e conceituações produzidas para o meu Projeto de Graduação para o curso de Design Industrial da EBA-UFRJ, orientado pela Profa. Jeanine Geammal, no qual proponho o desenvolvimento de uma coleção de biojoias feitas a partir de materiais biodegradáveis, tendo como eixo central a reflexão sobre ciclos de vida, impacto ambiental e design enquanto prática crítica e artística. Inspirado pelas ideias de Donna J. Haraway, em "Ficar com o problema", e Emanuele Coccia, em "Metamorfoses", o projeto propõe biojoias como adornos impermanentes, cujo valor não pode ser medido pelos parâmetros mercadológicos tradicionais. Como organismos em constante transformação, nossas biojoias coexistem sensivelmente com o corpo e o ambiente de forma efêmera e performativa.

Partindo do território de Guaratiba, onde resido, reconheço o potencial poético, simbólico e material da paisagem local como ponto de partida para investigação e experimentação artística. Essa aproximação se dá no plano conceitual – pela observação da natureza, dos ciclos e da estética orgânica – e na investigação de possibilidades materiais a partir dos elementos naturais disponíveis no local. A metodologia envolve estabelecer diálogo entre projeto e ambiente, observando se e como o lugar pode oferecer não só matéria-prima, mas também ritmo, linguagem e sentidos que orientem a criação.

Embora o termo “biojoia” seja amplamente usado no design sustentável, o projeto propõe uma ressignificação conceitual, a partir de reflexões filosóficas e poéticas sobre impermanência, materialidade e ecologia. A metodologia envolve pesquisa teórica e desenvolvimento conceitual, além de experimentação material e performativa. As peças são pensadas para tensionar noções tradicionais de beleza, valor e durabilidade, desdobrando-se como objetos-rituais e mediadores de afetos. A autora atua em todas as etapas: concepção, pesquisa, experimentação e produção. Espera-se criar uma pequena coleção que proponha novas formas de valor e afeto, além de registros que traduzam a experiência sensível e o diálogo com o território.

2. Referencias teóricos

Inspirada por Donna Haraway (2023), a pesquisa parte do desejo de permanecer implicada nas contradições e urgências do nosso tempo, recusando respostas simplistas frente às transformações climáticas, sociais e materiais. Ao propor que fiquemos com o problema, Haraway (2023) não indica solução, mas compromisso: habitar a complexidade, sustentar o incômodo e cultivar modos de existir junto a outros seres e territórios, sem garantias ou promessas de redenção. Essa visão atravessa o projeto, orientando escolhas estéticas, metodológicas e poéticas.

Haraway (2023) aponta que, embora narrativas como Antropoceno e Capitaloceno sejam úteis para nomear crises, elas não bastam para pensar convivência e cuidado. Por isso, propõe o Chthuluceno, um tempo de “fazer parentes” que fundamenta uma prática de design e arte baseada em vínculos e coabitação entre espécies, matérias e territórios. Ao afirmar que “nada vive sozinho” (Haraway, 2023, p. 122), ela propõe que seres vivos e artefatos significativos são criados em conjunto, resultado de relações e interações, não de ação isolada. A experimentação com materiais biodegradáveis expressa não só sustentabilidade, mas também uma interação interespecies, onde a decomposição faz parte intencional do ciclo. Esse é o conceito de simpoiese: fabricação coletiva e relacional de mundos, em que cada gesto, decisão material e corpo importam. Fazer design e arte torna-se modo de fazer parentes, construindo alianças de cuidado e coabitação com

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

humanos e não humanos. Uma prática radical de sobrevivência e reconfiguração do que entendemos por vida vivível.

Emanuele Coccia oferece reflexão sobre metamorfose, afirmando: “Nossa vida, aquilo que imaginamos ser o mais íntimo e incomunicável em nós, não vem de nós, não é exclusiva ou pessoal: foi transmitida por outrem, animou outros corpos, pedaços de matéria além daquele que nos abriga” (Coccia, 2020, p. 9). Essa perspectiva desloca vida de algo estático ou individual para dimensão compartilhada, transitória e em constante transformação, impactando a concepção de forma no projeto. Ao apoiar-se na matéria vegetal, a biojoia assume instabilidade inerente: seca, muda de cor, deforma-se, desfaz. Valoriza-se o efêmero e transitório, propondo estética da impermanência que mostra a transformação como linguagem formal e poética. A escolha por materiais biodegradáveis ultrapassa a função ecológica, pois envolve reflexão sensível sobre tempo, identidade e definição de vida.

Coccia observa que “o casulo não é instrumento de projeção de si fora dos limites anatômicos. É construção de limiar onde fronteiras e identidades – do eu e do mundo – são suspensas temporariamente” (COCCIA, 2020, p.46). Esse princípio orienta experimentações das peças, compreendidas menos como produtos finais e mais como rituais performativos e de transformação.

Assim, o projeto tem visão ampliada do design e prática artística como processos interdependentes, temporais e ecossistêmicos. As contribuições de Haraway e Coccia, entre outros autores, não só embasam o referencial teórico, mas transitam na metodologia, guiando decisões formais, materiais e conceituais que questionam certezas e assumem a complexidade como princípio criativo e experimental.

3. Metodologia

A metodologia adotada é qualitativa, exploratória e experimental, alinhada ao design crítico e especulativo (DUNNE; RABY, 2013)¹, integrando pesquisa e prática artística. Parte-se de abordagem sensível do território, investigando em diálogo constante entre teoria, prática e afeto.

Inicialmente, o levantamento teórico e conceitual ampliou a compreensão do que pode ser biojoia hoje. Leituras de Haraway e Coccia ofereceram ferramentas para pensar efemeridade, simbiose, simpoiese e coexistência como fundamentos projetuais. Ao revisitar Guaratiba, onde cresci e habito, minhas observações foram minuciosas aos ritmos naturais, materiais e modos de vida aparentemente invisíveis.

Seguiram-se visitas e caminhadas exploratórias por Guaratiba, com observação e escuta ativa da paisagem, ciclos e materiais espontâneos. Foram feitos registros fotográficos, coleta de elementos naturais (folhas, sementes, cascas, fibras) e anotações de campo, guiada pelo olhar atento ao que poderia passar despercebido.

As pedras, consideradas não preciosas, tornaram-se foco recorrente. São rochas sedimentares e ígneas, compostas por quartzo, feldspato e mica, resultantes de processos geológicos que conferem cor, textura, dureza e brilho (KLEIN; DUTROW, 2008). Na perspectiva de Tim Ingold (2012), pedras são parte de redes materiais e biológicas, onde líquens, fungos e musgos as tornam agentes vivos. Haraway (2023) propõe reconhecê-las como “mais-do-que-humanas”, seres singulares em redes ecológicas e afetivas.

A metodologia não é roteiro fixo, mas coautoria com território, ritmos de corpos e matéria. Escuta do ambiente, sensibilidade ao detalhe e abertura ao erro e acaso orientam o fazer. A expectativa é produzir uma pequena coleção de biojoias e sistematizar registros fotográficos, escritos e visuais que documentem pesquisa e criação.

¹ Abordagem de design que funciona como ferramenta de investigação. O design crítico questiona as convenções estabelecidas e as ideologias embutidas em objetos e sistemas, enquanto o design especulativo utiliza cenários ficcionais para explorar as implicações de futuros possíveis. A referência central é a obra *Speculative Everything* (2013), de Dunne e Raby.

4. Experimentações iniciais

As primeiras experimentações tiveram início com um mergulho teórico no universo bio-histórico de Guaratiba, centrado no bioma e nos ecossistemas locais. O objetivo foi construir uma base ambiental que orientasse a prática, respeitando as especificidades ecológicas e os processos cotidianos de preservação. A leitura e o mapeamento ambiental situaram o projeto numa perspectiva sensível ao entorno.

Localizado em Guaratiba, o Sítio Roberto Burle Marx é mais do que um espaço de experimentação botânica; é um marco que transformou a própria região. A visita possibilitou um contato físico e sensorial direto com essa paisagem, marcando a transição do campo abstrato para a vivência concreta. Essa experiência revelou a coexistência de formas de vida muitas vezes discretas ou negligenciadas, ampliando a compreensão sobre o potencial poético dos elementos naturais. O olhar não se restringiu ao “belo” convencional, mas se voltou ao que resiste, entrelaça e se transforma silenciosamente. A coleta de materiais contemplou sementes, folhas, flores secas e fragmentos vegetais que carregavam traços de transformação e memória. A seleção considerou sua capacidade de evocar relações sensoriais e simbólicas, evidenciando processos de tempo, desgaste e ciclo.

A imersão no território proporcionou experiências sensoriais que transcenderam a observação objetiva: o caminhar, o toque, a escuta e a permanência prolongada ativaram percepções inéditas, ampliando a dimensão intuitiva e afetiva da pesquisa. Essas experimentações funcionaram como exercícios de escuta, moldando a abordagem estética e ética do projeto.

5. Considerações parciais

Esta pesquisa propõe uma reflexão crítica e sensível sobre design e prática artística ao desenvolver biojoias efêmeras que rompem com os valores tradicionais da joalheria, como durabilidade, luxo e permanência. Ao valorizar a transformação, a fragilidade e a impermanência como qualidades estéticas, o projeto se alinha às urgências ambientais

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

contemporâneas, propondo um design que é ao mesmo tempo sensível, ético e comprometido com a sustentabilidade.

As biojoias, geralmente entendidas como adornos feitos de materiais naturais e vinculadas a discursos convencionais de sustentabilidade e consumo, são aqui repensadas como dispositivos críticos, relacionais e poéticos. Elas estabelecem vínculos simbióticos e temporais entre matéria, corpo e território, reconhecendo a matéria como coautora e valorizando o efêmero como condição de existência.

O território de Guaratiba é central para o projeto, funcionando não apenas como fonte de matéria-prima, mas como presença viva e simbólica que orienta uma prática de design e arte situada e enraizada. Essa conexão fortalece a construção de conceitos que valorizam a ancestralidade, o cuidado ambiental e a integração entre natureza e cultura, dialogando diretamente com o eixo 2.1 do colóquio, que enfatiza a experimentação artística e o compromisso com o território.

Ainda em caráter exploratório, a pesquisa aponta caminhos para aprofundar práticas que integrem experimentação material, ética ecológica e sensibilidade territorial. Ao questionar os limites tradicionais da joalheria, como a busca pela durabilidade e o valor mercadológico, amplia a compreensão da biojoia como um objeto relacional, efêmero, situado e performativo. Em um contexto de colapso ambiental, acolher a instabilidade da matéria pode ser uma forma sutil e radical de resistência, que convoca a arte e o design a se tornarem em práticas de coevolução e cuidado coletivo.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

DUNNE, Anthony; RABY, Fiona. **Speculative Everything: Design, Fiction, and Social Dreaming**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2013.

GUIMARÃES, Mariana. **A cozinha é uma biblioteca de filosofia**: diálogos com Silvia Rivera Cusicanqui sobre práticas de descolonização e destecer, entre baratas, cenouras, sapos e gente. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 180, p. 92–109, jul./dez. 2023.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25–44, jan./jun. 2012.

INSTITUTO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE – INEA. Plano de manejo das unidades de conservação da Ilha de Guaratiba. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.inea.rj.gov.br/ilhas/guaratiba>. Acesso em: 26 jun. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Sítio Roberto Burle Marx. Disponível em: <https://sitioburlemarx.org/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

IPHAN; INTERMUSEUS. Sítio Roberto Burle Marx. São Paulo: Intermuseus; Rio de Janeiro: Sítio Roberto Burle Marx, 2020. 307 p. ISBN 978-65-990825-0-4. Disponível em: <https://www.intermuseus.org.br/livro-sitio-roberto-burle-marx>. Acesso em: 26 jun. 2025.

KLEIN, Cornelis; DUTROW, Barbara. **Manual de Mineralogia**. 23. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

LATOUR, Bruno. **Um Prometeu cauteloso?** alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). *Agitprop*: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

MARGULIS, Lynn. **Propriocepção**: quando o ambiente se torna o corpo. In: HARAWAY, Donna (org.). *Manifesto ciborgue e outros ensaios: ciência, tecnologia e feminismo-socialista nos anos 1980*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 1-22.

RODRIGUES, José Carlos. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins / thesaurus. 2. ed. atual. e rev. São Paulo: Melhoramentos, 2018.